

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg

Astig/ulgaras

ANNO 2 1885 24 francos

ESTRADA 12

ADVOGADO 1

No resto do Império 11 francos por numero; 20 francos p/ ilustrado.

2.º Anno. — Volume II. — Número 11.

PARIS 5 DE JUNHO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

CAIXA DE NOTÍCIAS, 29, R. do CRISTO, 100.

Astig/ulgaras

ANNO 2 1885 12 francos

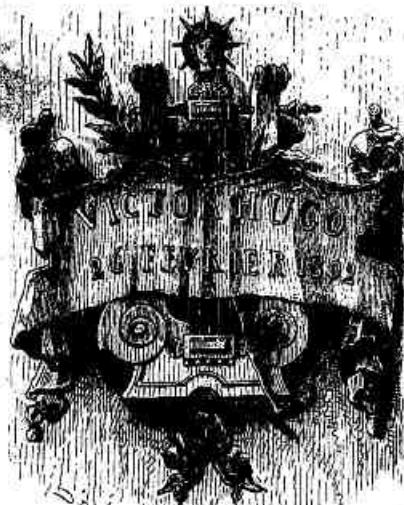
SIMILAR 6 12 francos

ANNO 1 1884 12 francos

ACADEMIA 1 12 francos



GLORIA AO GENIO...



Placa comumente vistamente na casa onde Victor Hugo morreu.

Se o nosso jornal é alguma cousa; se nós, em língua portuguesa, podemos fazer uma revista ilustrada, collocando-a à altura das primeiras revistas da Europa — é porque estamos em Paris.

É a grande e famosa cidade que nos tem ensinado a produzir a nossa obra; é na grande cidade que encontramos os artistas aos quais devemos uma boa parte dos nossos sucessos; é com a imprensa de grande cidade que temos aprendido a produzir a obra que emprehendemos há mais de um anno; é este perfume particular de Paris que a ILLUSTRAÇÃO leva a Portugal e ao Brasil — que nos faz estimados e queridos de todo o público. Tudo o que somos — devem-nos a Paris...

E o sublime e inspirado poeta d'este grande e famoso Paris — acaba de morrer!...

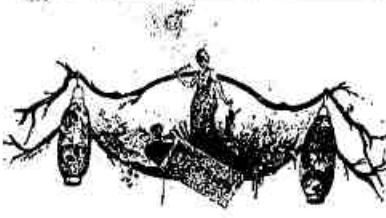
A dolorosa impressão que esta desgraçada verdade nos produz, não se descreve. Não é o momento nem para uma crítica, nem tão pouco para um elogio. Recela-se ser ridículo dante d'este tumulo que encerra o corpo do Mestre, empregando palavras que andam prostituidas em necrólogos banais...

Limitemo-nos a transmitir à família de Hugo, a todos os nossos collegas da imprensa portuguesa, a este Paris que tanto amamos e dentro do qual tanto temos aprendido — a expressão bem sincera e bem pungente da nossa profunda e imensa dor!

A ILLUSTRAÇÃO

FUNERAIS DE VICTOR HUGO

O próximo numero da ILLUSTRAÇÃO será todo consagrado aos funerais realizados em Paris. A ILLUSTRAÇÃO fazendo uma escrupulosa escolha de tudo quanto se publicou, oferecerá aos seus leitores um numero único contendo as melhores gravuras que tenham appreendido em Paris. A ILLUSTRAÇÃO é a única revista em português que n'este momento pode esclarecer e interessar o público sobre este exemplo que ocupa a atenção de todo o mundo.



ZOLA E EÇA DE QUEIROZ

ZOLÀ EÇA DE QUEIROZ português chegava no dia 1 de maio a Paris, devendo partir no dia 2, de manhã, para Londres, a caminho de Bristol. Simplesmente, quando eu lhe disse que Zola tinha empenho em o conhecer, Queiroz resolveu demorar-se mais um dia em Paris. As sete horas do dia 2, antes de jantarmos, lá elle a minha crônica do n.º 9 da ILLUSTRAÇÃO, à porta do *Café da Paz*. Nessa mesma noite Zola recebia uma carta minha prevenindo-o da nossa visita, no dia seguinte, pela volta das onze. E no dia seguinte, um soberbo domingo de primavera, um domingo festivo, cheio de sol, convidando os parisienses ao alegre jantar no campo, mesmo sobre a margem do Sena — no dia seguinte, chegavamos a casa de Zola que nos acolhia de mãos estendidas, contente e satisfeito por apertar a mão aquela que em Portugal tão brilhantemente tem espalhado o crédito da egrêja naturalista.

Uma cousa que deveras surpreende todo e qualquer francês, é encontrar-se dante d'um estrangeiro que lhe fala com a maior facilidade a sua língua. Porque o francês, ainda o mais educado, ignora os idiomas; o estudo das línguas é-lhe essencialmente penoso; e quando por acaso chega a falar alguma, porque habitou alguns annos um outro país, nunca é com esta perfeição com que um português ou um russo fala o francês, mesmo o francês mais complicado de termos e de pronúncia que seouve em Paris.

Zola não occultou a sua surpresa a Eça de Queiroz, quando viu dante de si um lisboeta que mais parecia um filho do *boulevard*. Realmente, Queiroz fala e escreve com imensa facilidade e elegância a língua francesa. O termo mais antigo, o termo clássico, como o termo mais moderno do *argot* mundano, do *argot* litterario ou do *argot* artístico, elle não o ignora. E a sua frase tem por vezes a ligeireza e a vivacidade d'um final de crônica à Scholl.

A verdade, dizia Zola, é que nós somos muito ignorantes! No tempo do segundo império os rapazes tinham mesmo por luxo não saber nenhum idioma, pela simples razão de que o alemão era obrigatório... Felizmente que, depois da guerra, nos vemos forçados a prestar mais atenção ao estudo das línguas. Da minha geração não conheço nenhum romancista que saiba mais do que a sua língua. Eu sei ler um pouco o italiano, porque m'eu pôde era italiano. Mas Flaubert só sabia o francês; Daudet também; os Goncourt também; se olhamos mais para traz: Balzac só sabia o francês; e se Stendhal sabia o italiano, é porque tinha habitado em Itália por muito tempo...

Queiroz expôs em rápidas palavras, com aquella precisão de crítica e brillantismo de observação que nós todos lhe conhecemos, como Portugal que pensa, que estuda e que escreve, tem os olhos fixos em Paris; como tudo quanto Paris produz interessá imediatamente em Portugal; como a língua francesa é hoje quasi familiar em todas as classes, sendo quasi a língua oficial nos salões mundanos, como acontece na Rússia.

— Mas que novo que é! exclamava Zola. O que eu vejo é que no seu país se interessam prodigiosamente pelas questões literárias...

— O nosso país é um país de literatos! —

responde espirituosamente Queiroz. Toda a gente escreve, toda a gente faz prosa ou faz versos... A literatura interessa muito mais que a política. E a mocidade que outrora tinha por suprema aspiração pegar n'um touro ou meter um ferro, transformou-se n'uma mocidade que só pensa em escrever um soneto ou escrever um conto. É uma verdadeira epidemia!... E o nosso querido mestre, quantos annos tem?

— Quarenta e cinco... Mas sinto-me já doente, fatigado, exausto. O *Germinal* deixou-me sem forças...

— Não admira. Quando se escreve uma obra d'aqueila ordem, uma obra-prima, é impossível que não vá com ella um pedaço da existência do auctor...

— De resto, todos nós estamos doentes, doentes do estomago... Eu, o nosso Daudet, e o Goncourt. Todos três temos a vida curta... O que me assusta não é a morte; é a ideia de não poder completar a série de romances, a série dos *Rougon-Macquart*. Ainda me falta escrever seis. A tarefa só estard pronta d'aqui a seis annos. Mas se chego aos cincuenta e um annos, tendo escrito todos os volumes que me faltam, ainda me vou dedicar ao teatro, exclusivamente ao teatro.

— E tem confiança no gênero?

— A maior, a mais absoluta. No teatro ha a adquirir os mesmos sucessos e os mesmos resultados que ultimamente se tem adquirido no romance. Eu é o que recommendo constantemente aos novos escriptores. Simplesmente, em França, raros são os que se decidem a lutar por um gênero; e os novos preferem os rápidos e seguros sucessos de livraria, ás eventualidades do teatro. E comtudo é este o terreno mais amplo, mais fructífero e menos explorado. Sómente, é necessário trabalhar, lutar, revolucionar... fazer cousa nova. O teatro tenta-me muito; e ainda ha dias quando assista aos ensaios da *Arlesienne* do nosso Daudet, reconhecia que é muito mais agradável ser auctor dramático do que ser romancista. Um romance, o comprador leu-o, e se gosta ou se não gosta é cousa que o romancista ignora. Enquanto que no teatro o auctor está em luta franca e declarada com o público, vencendo-o ou ficando vencido!

E estas palavras eram tão calorosamente ditas, com tanta convicção e com tanto entusiasmo, que mais uma vez reconheciais n'este homem que hoje nos estava faltando, o artista criador e ousado que todo o homem de letras deve admirar e respeitar, o prodigioso artista que só nasceu para a luta, luciando encarniçadamente, interminavelmente, em nome da sua ideia, da aspiração suprema do seu espírito e da sua alma para uma outra interpretação da Arte e uma outra compreensão da Natureza. E quando um homem se approxima d'um tal artista e d'um tal carácter, esse homem sente verdadeiramente piedade pelo bando impotente e ridículo de todas as mediocridades que ainda hoje... nos calcabares de Zola, como outrora outros mediocres ladravam aos calcaphares de Victor Hugo. Piedade, sim, meus amigos, porque só piedade nos pode inspirar o triste bando dos ignorantes com audácia, o melancólico e aleijado bando dos imbecis e dos cratinos com pretensões, dos que nunca poderão compreender um só minuto da sua vida o que é o sacrifício por uma ideia — porque n'elles o espírito é um eterno horroço prejo, e a alma uma triste confusão de sentimentos esborrachados...

— E, se não é indescritível, poderá dizer-nos qual é o seu próximo romance? interrogou Eça de Queiroz.

— O *Germinal* deixou-me realmente fatigado e doente... Por tanto, vou escrever um romance de meia tinta, um romance que não exija um grande esforço, um romance no gênero da *Joia de Jivre* e da *Page d'Amour*. Por enquanto — *L'Œuvre* e o título escolhido, mas não será o definitivo, porque o não acho bom. Mas a falta de melhor, irá este. *L'Œuvre* será o ro-

mance d'um pintor, a vida dos artistas, que eu contei bastante, ligada também à vida dos literatos. Representar o esforço empregado pelo talento para adquirir o sucesso, o esforço empregado pelo artista para dominar Paris, para ser o celebríssimo parisiense. Haverá várias páginas pintando multíplices vidas não observadas. Fazer este romance vai ser para mim coisa bastante agradável, porque o fui todo de recordações da mocidade, salpicado de paisagens cheias de sol, pedaços da minha Provence, e mestre vou-me descrever n'um segundo piano, ao lado da ação, que será muito simples. D'áqui a um mês vou para Médan, onde escreverá até agosto dois terços do romance. Depois, vou fazer uma viagem até à província, a uma cidade d'águas, porque Madame Zola acha-se bastante doente. Voltarei em outubro a Médan, e em Janeiro creio que o romance deve estar concluído.

Que soberba grandeza de pensamento! Que delicada obra-prima vamos apreciar d'áqui a um anno, mostrando-nos uma outra vida cheia das mais brilhantes irregularidades, e das mais pitorescas oscilações! E portanto *L'Œuvre* é para Zola uma obra apenas de desfasado, feita sómente de metas distas... Que cosa extraordinária, esta prodigiosa simplicidade com que elle aludiu a um romance tão vasto, chamando-lhe obra de repouso, de segunda ordem — quando as suas linhas gerais já conseguia abranger todo um mundo d'uma incalculável variedade d'aspects.

— E então em Médan, onde trabalha de pre-frencia?

— Em Paris apenas me demoro os tres ou quatro meses mais rigorosos do inverno. O resto do tempo passo aí em Médan, onde estou mais tranquilo e onde tenho mais espaço e mais ar. As nossas casas de Paris com a polaca luz e com os tectos baixos, são horríveis... Os senthores, de praz de sol, é que devem ter magníficas habitações... Eu mesmo talvez que me não demore muito tempo n'este meu *appartement*. Ando com imensa vontade de alegar um atelier de pintor com casa de habitação para minha família, esperei eu fazer do atelier uma grande casa de trabalho, com uma enorme vidraçaria e tectos bem altos para respirar a vontade.

— Começou a escrever muito cedo, ou foi só tarde que se declarou a sua grande vocação literária? — interrogou Eça de Queiroz, que investigava e inventariava por dentro e por fora o seu homem, não lhe perdendo um gesto, uma expressão, phisiognomica. E de quando em quando, Queiroz fixava o monóculo: ou sobre um delicioso ponto de Manet, o artista que Zola tanto amava; ou n'uma antiga Nossa Senhora, de prata lavrada, pregada a um fundo de velludo encaixilhado n'uma velha moldura, uma Nossa Senhora com um ar muito português e que, colocada na minha frente, me recordava toda uma época inconsciente e feliz da minha meninice, quando eu sabia de casa de meus parentes e ia até à Egreja Nova, no Rocio da villa, ver minha madrinha, Nossa Senhora do Rosário, no seu altar pequenino, sempre cheio de velas cáratas e de frescas flores; ou então fixando um velho Christo de madeira, desprezado da cruz, os braços partidos, e que estendia o magro e amarelado corpo sobre massos de papelis...

— Lembro-me que em pequeno, aos doze annos — respondeu Zola — projectei uma variedade de romances sobre as cruzadas. Estava então na escola e aprendia história antiga. Um romance ainda eu escrevi; um enorme romance com longas citações históricas, onde havia evidentemente um cavaleiro combatendo por uma dama... O que é curioso, é que ainda conservo esse original; mas a letra é de tal modo desigual, e as páginas foram escritas tão vermelhamente, que eu por mais esforços que faça não sou capaz de decifrar o que escrevi. Quando deixei a Provence e vim para Paris, naturalmente, como todos os do meu tempo, fui escrevendo sempre. Mas quando a minha

vida literária se conseguiu definir e depois da guerra, lá tinha escrito *La mortaison* de *Clan de Théophile Gautier*, quando em 1860 comecei a série dos *Rougon-Macquart*. Mas a guerra interrompeu, e o primeiro volume só se publicou em fins de 81.

— O meu amigo follow-me na sua ideia de organizar uma biblioteca naturalista francesa. — Fazia-lhe efectivamente sorri-me e descia imensamente levado a cabo. Recusado e dizer-lhe que conto com a sua colaboração. O que eu ainda não encontrei, porque também ainda me não meti em campo, foi o editor que compreenderia a importância d'essa edição e que queira arriscar alguns bilhetes de mil francos. Ha, porém, uma causa que não de ser o nosso esforço? é a tradição. O que uma obra perde de graça natural, descerre-se é incalculável. Ainda lá tempos eu tinha lido no original italiano uma deliciosa comédia d'um acto, de costumes, do meu amigo Vera. Ele pediu-me para eu lhe fazer representar n'um teatro de Paris, Porel, o director do *Odéon*, tinha anseado ao meu pedido. Mas quando chegou a tradução, da comédia, nada, respondeu, nada, nada, nada... Tudo o pintoresco do dialogo, que era tudo, tinha desaparecido. Ora é d'isto que eu tenho muito medo... (*Voltemos para mim*). E como o seu habitat em Paris hei-de incomodá-lo, várias vezes quando a nossa ideia estiver para ser posta em prática; tanto mais que preciso d'esclarecimentos para um largo prelado meu sobre todos os ourmances inscritos, perfis, queira que de abrigo, que os romances a publicar... *Dirigindo-se a Quirino*: E eu peço-lhe que me deixe a sua morada em Inglaterra e em Lisboa, para nos correspondermos sobre este assunto. Mas o que eu quero sobre tudo, é que que se não esqueça de me dar o prazer da sua visita, todas as vezes que passar por Paris.

Quando nos despedimos de Zola, já passava da meia hora. Só a saída é que nos leva que o meu amigo mandarim tinhá mudado de lugar, depois da minha ultima entrevista, com o ilustre escritor. Agora vivo em cima de fogão, sempre sentado sobre os calcâmbanos, muito sério, muito grave, os braços igualmente estendidos em sentido horizontal, a língua saída, com o ar fúrio e ensaiado de quem chega vinçancamente.

Ter-lhe-iam batido? ter-lhe-iam ralhado diante de pessoas de fora?...

Passava d'uma hora quando Eça de Queiroz e eu nos sentavamos para almoçar a uma mesa de Duchesne, sobre o boulevard des Capucines, quasi em face da redacção do *Gil-Blas*. Se hár tarde em que um sol de maio em Paris não é bem uma metáfora, nem tão pouco uma visão pálida de poeta — era esta uma das tais... Através dos grandes vidros do restaurante, rolante surdamente sobre o caleamento de madeira, via-se passar a multidão dos carros que aquella hora corria para Longchamps, para as corridas de primavera... Multidão de charabães, de modeados fáciés a 3 francos por hora, de vitorias de luxo, d'um verniz puríssimo, tiradas por um bello cavalo, — estas *victorias* onde passam com a rapidez d'um voo: pernas longas de mulheres, fociños agudos, cravinhos, de cães; fofos e tufo de peludas caras; formas de artelhos, calcadas em sida pasto ou escarlate; e sapatos agudos, de verniz... O sol negrava todo este movimento; e acima d'esta onda de carros via-se a linha d'emerilha das arvores, seguindo o longo dos passeios, toda salpicada de florescências douradas e cõr de rosa.

E o nosso almoço foi dos mais tranquilhos — o almoço de dois homens que só tinham o gosto de se falar.

— * * * MACHADO PINA.

THEOPHILU BRAGA

No proximo numero A HISTÓRIA DA PUBLICARÁ um novo estudo critico intitulado *As Inhas Jardins*, dedicado a pesar d'este novo clássico infantilizado e ilustrado por Júlio de Carvalho, professor de História, D.L. 1660.



A MORTE DE VICTOR HUGO

A Ilustração, 10 julho do seu levé não trazia todo este numero, mas ainda alguns numeros S. G. quados de tudo quanto possa dizer respeito ao grande poeta cuja morte é comemorada por todo o mundo civilizado. Tudo quanto se refere à vida do Ilustre velho que há pouco tombou para a cova, cremos que deve interessar os nossos leitores de Portugal e do Brasil — porque se há países na Europa e na América onde Hugo mais teve influência, são sem dúvida estes dois. E todos quantos falam a língua portuguesa bastam, lembrar-se dum só nome — Guerra Junqueiro — para verem a onde chegou o gênio inspirador do poeta dos Chãos... Porque Guerra Junqueiro é um dos mais gloriosos discípulos de Mestre sublime a quem Paris fez funerácia como ainda não houve iguas sobre a terra.

— Para a próxima paginado numero actual nadu podiamos escolher de melhor que esta deliciosa e inspirada alegoria de Maurício Leloir

GLORIA AO GENIO

Maurício Leloir é um aquarellista notabilíssimo, irmão dum outro célebre artista falecido o anno passado, e que se chamava Luiz Leloir. A nossa primeira pagina representa duas Musas mostrando a Hugo o livro aberto da História e oferecendo-lhe uma coroa e uma palma. O desenho é elegantsíssimo, e poucas vez a Ilustração tem oferecido aos seus leitores uma paginu tão bela e tão eloquente.

— Publicamos em seguida uma gravura representando

A CASA ONDE NASCEU VICTOR HUGO

em Besançon, em 26 de fevereiro de 1802. O conselho municipal de Besançon decidiu em sessão de 13 de março de 1879 que fosse colocado a placa commemorativa em bronze cujo desenho damos n'outro lugar, na fachada da casa onde o poeta veio ao mundo. Esta casa data do século XVIII. Pertence hoje a um boticário. O apartamento que ocupava em 1802, o chefe de batalhão da 30ª milícia-brigada, José Hugo, fica situado no primeiro andar. O quarto onde Victor nasceu tem duas janelas sobre a rua. São as duas janelas onde está indicada a placa, na nossa gravura. A inscrição, segundo o desenho do poeta, compõe-se unicamente do nome e da data: Victor Hugo, 26 de fevereiro de 1802. O poeta canta de seguinte modo o seu nascimento:

«Naite avante deux ans! Ram romptant l'Espagne,

Alors dans Besançon, vila ville espagnole,
Qui comme la partie un grande l'art,
Naît d'un sang brevet, et l'or de l'art,
Un enfant sans content, sans aventure et sans malice,
Si délici qu'il fait, ainsi que me chante,
Abandonné de tout, et tout abandonné,
Et que son cou playé comme un triste poète.

*Huit fois en même temps se bercer, et son berceau,
Cet enfant que la vie effaçait de son livre,
Et qui n'avait pas même un lendemain à vivre,
C'était moi... .*

E Victor Hugo que viveu apenas os trez primeiros meses da sua vida n'esta casa de Besançon, por circunstâncias excepcionais, nunca mais ali voltou; limitando-se a mandar uma carta de agradecimento à camara de Besançon, no dia em que a placa foi collocada.

»»» Quanto à gravura que se encontra a pagina 165, ella representa os

LUGARES AMADOS

DE VICTOR HUGO.

Como todos sabem, o poeta sofreu pelos seus versos e pelos seus discursos varias condenações políticas. Uma longa parte do seu exílio passou em Inglaterra em Jersey e em Guernsey, e foi níi que elle escreveu os *Châtiments*, *Contemplations*, uma parte da *Légende des siècles* e este extraordinário romance que se intitula *Travaillaires de la mer*.

A biografia de Victor Hugo é tão conhecida que nós não insistiremos em maiores detalhes.

De resto, a *Ilustração*, já teve a honra de publicar este célebre retrato de Victor Hugo por Bonnat, o mesmo que estava no quarto onde o poeta morava e que actualmente está exposto na Academia de Bellas-Artes de Paris, — e esse retrato é acompanhado d'uma biografia do poeta assignada por Theophile Braga.

Retrato e biografia encontram-se no n.º 14 do 1.º volume da *Ilustração*.

Chamamos para elles a atenção dos nossos leitores.

Quanto aos annos de exílio limitamo-nos a transcrever estas duas quadras do poeta.

*J'accepte l'âge, l'exil, l'âge, ni je ni personne,
Si quelqu'un a pris, quoi aurait cru plus jeune,
Et si plusieurs s'en vontqu'il devraient demeurer,*

*Si l'on ait plus que mille éditions, je suis Si l'âge
Hausse, mais plus, je veux encore. Si l'âge
S'il en domine dix, je serai d'autant.
Et s'il n'en reste qu'un, je serai celui-là.*

Estas duas quadras bastam para indicar o carácter de Victor Hugo. E se para o homem foi bem duro o exílio, à Arte é que está satisfeita porque foi

no exílio que elle escreveu algumas das suas obras mais valiosas.

Longe da pátria, expulso de Paris pelo governo de Napoleão III, a Arte foi a sua companheira de todas as horas. Se elle, ao contrario, tivesse ficado em França, talvez que a política tivesse aniquilado o artista e que nós não admirássemos hoje as obras-primas que tanto maravilhado o mundo.

Todos quantos conhecem as *Contemplations* e os *Operários do mar* há de reconhecer na nossa gravura todos os sítios que Hugo nos descreveu maravilhosamente.

primas do illustre artista, achámos que seria sempre de maior interesse para os nossos leitores oferecer-lhes um outro retrato de

VICTOR HUGO

o retrato mais moderno que se conhece, e que foi executado pelo nosso eminentíssimo colaborador Charles Baude. O elogio d'este grande artista já não é necessário fuzelá-lo. Todos quantos nos acompanham, desde que apareceu o primeiro numero da *Ilustração*,

tradicional, tem pedido a apreciar este talento de primeira ordem, este finíssimo gravador que sabe arrancar à madeira os traços mais delicados e os mais artísticos. Ele tem sido, com os seus trabalhos notabilíssimos, um dos nossos elementos de sucesso. A gravura que hoje publicamos é mais uma prova de que asseveramos; e estamos certos que este retrato do poeta irá ornar muitas salas e muitos gabinetes de trabalho, honra que os nossos assignatários já tem dispensado a muitas outras gravuras da *Ilustração*.

Publicando este retrato, prestamos mais uma vez uma homenagem ao maior poeta d'este século, aquelle que na história tem lugar marcado entre Dante e Shakespeare.

»»» Um retrato que pensamos vai ser visto com curiosidade é este retrato do

GENERAL

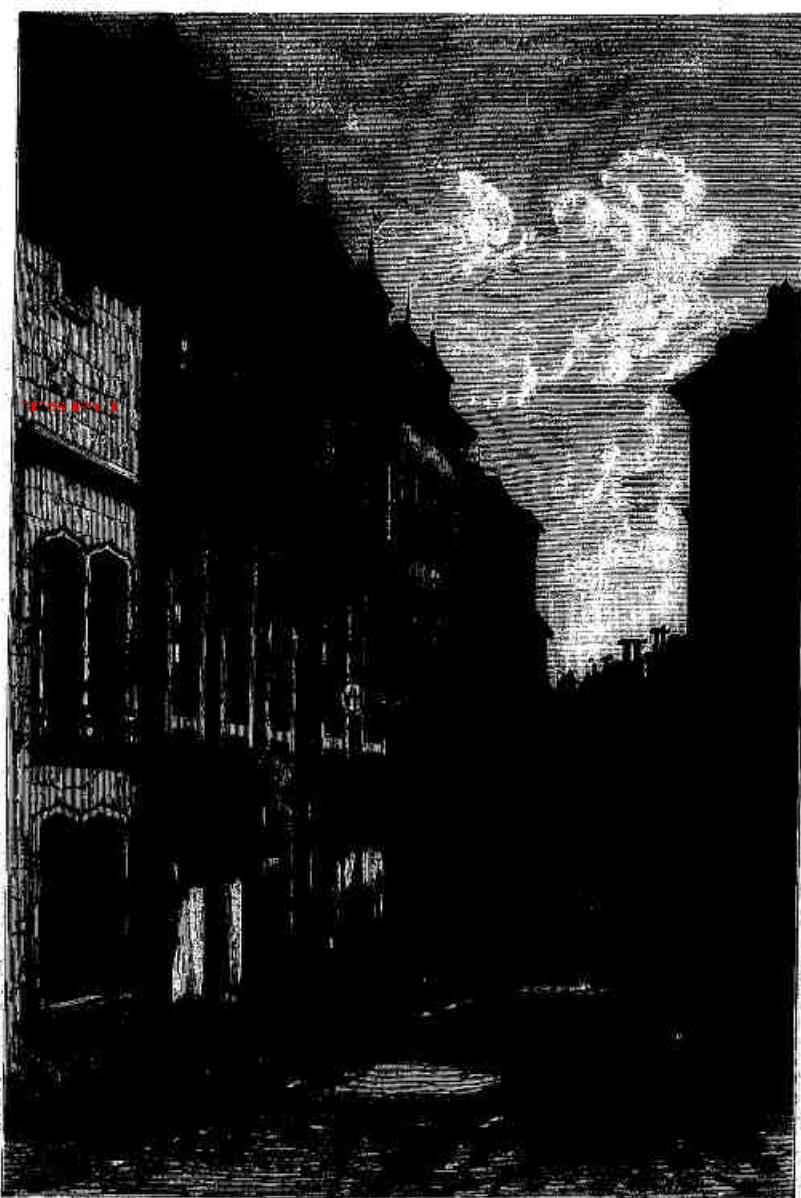
JOSEPH HUGO

o paiz de Victor Hugo. Os ascendentes do poeta no século XVI e XVII eram nobres. Na árvore genealógica encontra-se o nome de Anna-Maria, duquesa de Remiremont. Com tudo o avô do poeta era marcheiro na cidade de Metz.

Seu paiz assentou praça em 1785, casando depois com uma rapariga da Vendéa, filha dum negociante de Nantes...

Em 1802 era capitão de guardaço em Beaufort, quando nasceu.

Victor Hugo era o terceiro filo do capitão. O paiz chamava-se Alain, segundão Eugénio, morrendo em 1817 no hospital de alferides de Charenton. Victor acompanhou seu tatará Italia nas guerras do império; e quando escapou foi mordomo do sr. Joseph em Hespanha e governador de três províncias. Victor foi colocado no colégio dos nobres de Madrid, onde esteve alguns annos. Esta mesma época de residência em Hespanha influiu muito no espírito de Hugo, conservando sempre um



ACASO NDE NASCEU VICTOR HUGO, em Besançon nos 28 de fevereiro de 1802

vilhiziamente em verso e em prosa. E foi sobre aquella tábua, em frente do imenso oceano, que Victor Hugo produziu as peças que todo o mundo sabe de cor: A filha de Guernesey, curiosa coincidência, tem a fórmula d'uma lyra. E um Estado independente, à frente do qual se nota um governador representando Inglaterra. Guernesey conta 31.000 habitantes.

»»» Apesar de já termos publicado no n.º 14 — 1.º volume da *Ilustração* o retrato do poeta pintado há annos por Bonnat, e que é uma das obras-



As praias de Guernsey. — Um casal. — Uma rua. — O gabinete de trabalho de Victor Hugo.

caracter cavalheiresco não só nos seus livros e dramás, mas também nos seus modos de vida.

O poe de Victor Hugo nunca pôde suportar as aspirações literárias de seu filho. Estiveram mesmo interrompidas as relações entre o general e o poeta, que se viu obrigado a viver durante um anno com 800 francos, produto das suas primeiras publicações — só para se esquivar aos desejos do seu pae que lhe queria dar uma outra posição. Esse anno de miséria está descrito nos *Miseráveis*, quando o poeta fala da juventude de Marius.

*** Chegamos à gravura que representa

A CASA ONDE MORREU VICTOR HUGO.

Esta casa fica situada na avenida d'Eylau, hoje avenida de Victor Hugo, por voto unânime do conselho de Paris, no dia imediato ao da morte do poeta. Foi aqui que o poeta morreu, no dia 22 de maio, à uma hora e 27 minutos da tarde, tendo à cabeceira os médicos Vulpian, Germain Séé, e Allix; Mme Lockroy, Paulo Lockroy e Augusto Vacquerie, redactor em chefe do *Rappel*; e os seus netos, os seus queridos netos, Jorge e Joanna Hugo.

A gravura que hoje damos representa a casa do poeta visto do lado do jardim. A janela que nos fica à esquerda era o seu quarto de dormir. O seu quarto de dormir era também o seu gabinete de trabalho. Logo de manhã cedo Victor Hugo começava a escrever a ler. *Nulla dies sine linea*. O poeta erguia-se e sahia do seu leito para se ir encostar à sua banca. Victor Hugo escrevia sempre de pé, a meia a altura do peito. Mesmo de noite, tinha ao alcance da mão papéis sobre os quais no escuro do pensamento, escrevia o que lhe acudia ao espírito: uma ideia, um hemistichio, etc.

O jardim de que a nossa gravura representa uma parte é bastante grande. Era aqui que Victor Hugo passeava durante muitas horas.

A casa da avenida d'Eylau não pertencia a Hugo. Tinha-a alugado à princesa de Lunsingen. Um dia os amigos de Hugo decidiram-o a que comprasse esta casa. Hugo dirigiu-se à princesa para lhe propor o negócio. A princesa pagou-lhe 750,000 fr.

— Aché caro! respondeu elle.

— E eu muito honrado! — respondeu a princesa. — Lembre-se que nessa casa está morando o maior poeta d'este século!... O predio hoje representa um grande valor histórico...

O poeta sabia do caso da princesa encantado com a resposta, mas sem efectuar o negócio. Depois foi comprar um terreno na mesma avenida, um pouco mais além da casa onde morava. Mas ainda não está começada a construção.

Quanto à casa actual parece certo que o governo francês a vise comprar, comprando ao mesmo tempo à família todos os moveis e livros que enchiham as peças que o poeta ocupava. É para fazer d'esta casa um museu, o conservar-a intacta, como na Alemanha a casa onde morreu Goethe, e em Inglaterra a casa onde morreu Shakespeare.

*** A nossa ultima gravura representa o

SALÃO DE RECEPÇÃO DE VICTOR HUGO.

Este salão onde por tantas vezes se reuniram os primeiros talentos de França, este salão por onde passaram homens bem célebres de todo o mundo, inclusivamente S. M. o Imperador do Brasil, por quem o sublime poeta tinha grande estima pessoal.

Era n'este salão que Victor Hugo recebia não sómente as visitas comuns, mas também os amigos pessoas. E entre os mais íntimos indicaremos: Alexandre Dumas, Arsène Houssay, Emilio Augier, Victorien Sardou, Théodore de Banville, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, François Coppée, Catulle Mendès, Luis Ulrich, Ferdinand de Lesseps, etc.

*** Eis em resumo a história de todas as gravuras que nos pareceram curioso oferecer hoje aos nossos leitores. No proximo numero publicaremos todas as gravuras dos funeráres. Deste modo, o público poderá ficar no corrente de tudo quanto se passou em Paris. E a *Ilustração* que se encarrega de lhe mostrar.

PARENTHESIS DE LUZ

(V.)

*Quando ella passa, timida, hesitante,
Banhada a fronte num clarão bendito,
Vem até mim um écco murmurante,
Que não é deste mundo, em que eu habito.*

*Ao fulgor do seu palido semblante
Sinto na alma como um infinito,
Meu dôcida coração, amplo e gigante
Surge das trevas em que jaz proscripto.*

*Quando ella passa timida, — a meu lado
Tudo o aroma do candido passado
Palpita e brilla, rápido, fugace,*

*E as aves choram tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas,
Que lhe eu traçava no palor da face...*

Porto, 9 de abril, 85.

JOAQUIM DE ARAUJO.

A PHRODITA

*Movel, festivo, tropido arrolando,
À clara voz, talvez, da turba triada
Das sereias de cauda prateada,
Que vão com o vento os carmes concertando.*

*O mar, — turqueza enorme, illuminada,
Era, ao clamor das aguas, murmurando,
Como um bosque pagão de deuses, quando
Rompeu no oriente o pallio da alvorada.*

*As estrelas clarearam repentinamente,
E logo as vagas são no verde prado
Tocadas de ouro e irradiações divinas;*

*O oceano estremece, abre-se as brumas,
E ella apparece nua, d'flor do oceano,
Coroada de um círculo de espumas.*

II

*Cabello errante e louro, a pedraria
Do olhar falsoando, o mar moreno luindo
Colorido do pete, — nua e fria,
Ella é a filha do mar, que vem sorrindo.*

*Embalaram-na as vagas, retinindo,
Resonantes de perolas, — sorria
De vél-a o golfo, se ella adormecia
Das grutas de amber no recesso infinito.*

*Véle-a: veio do abysmo! Em roda, em pello
Nas aguas, cavalgando onda por onda
Todo o mar, surge um povo immenso e bello;*

*Vem a saudar-a todos, revoando,
Golfinhos e tritões, em larga ronta,
Pelos retratos bujios assoprando.*

ALBERTO D'OLIVEIRA.



UMA QUESTÃO LITTERARIA

O sr. Abel Accioly enviou-me a carta que ali se vê, e que reprende com o maior arreio, à respeito à minha crônica do n.º 7 — 2.º anno da *Ilustração*, em que eu discuto o preambulo da sua *Lycra imbutida*. O autor encarava despectivamente a minha lealdade, porque me prezo de bem combinar os meus deveres de jornalista. Se em Portugal, presso jornal publicam o respeito que uma trátila provoca, é necessário impor para os sentimentos honestos de direcção da folha, — em França não escusado o mesmo. A publicação da resposta é de desídia sagrada que assiste a todo aparelho que foi discutido durante dum certo período, e que deserto d'esse mesmo período se quer defender.

A respeito que fogo publicar a carta do sr. Abel Accioly com a maior presteza é por ver com respeito que tenho diante de mim um conjunto de hábitos novos, singulares. Se a minha crônica se dirigisse a um d'esses sujeitos que não vêem andar nas palmeiras, apesar de milhares — esse sujeito respondeu-me, enviado logo pelo telegrapho os famosos epithets de *Náuca, imbécil, estúpido, gavão, inútil e inútil...* O sr. Abel Accioly é um dos rares em que se pode discutir, pelo que em o folceto e o respeito. O que me parece que é fato, foi eu chamar-lhe a atenção inteligente que surgiu. — Meu caro sr. Quando se ressalta ou bom sujeito, deve subver-ler n'aquele phrasa se ressalta patenteira: «*Grá sindi ben que ma apper alguma que vale alguma cosa!*» Sarei pequeno o dia que... Nos estamos tão faltos de voz o cego pimpo e juro andar iluminando estes da boca, que é que trabalham e estudam puramente desce o phrasa simples, modesta e crua para ladiar ao público que os que realmente merecem com talento.

M. P.

Ex.º collega.

Intrometi o n.º 7 do volume 2.º da *Ilustração*, splendida revista universal, tão suavemente dirigida por V., e confessamente gratíssimo pela maneira larga e aberta, francamente desafogada, porque V. se digna discutir o preambulo do meu pobre livro. A consagração d'uma crônica inteira à análise das minhas opiniões e dos meus pontos de vista é caso tanto mais para me deixar imensamente lisonjeado, quanto constitue um facto único de desassombro e deferência para comigo, na série das apreciações feitas ao meu trabalho pela imprensa.

Não ignoro que segui um processo bem pouco diplomático para enganar as boas graças da Crítica... As verdades são como as cabeças de macaco: se não amargam, não prestem; — e a Soberana Crítica, como todos os soberanos, não quer verdades, quer lisonjas. Como porém o meu propósito foi, não ser adulador, mas ser verdadeiro, não podia deixar de escrever o que escrevi.

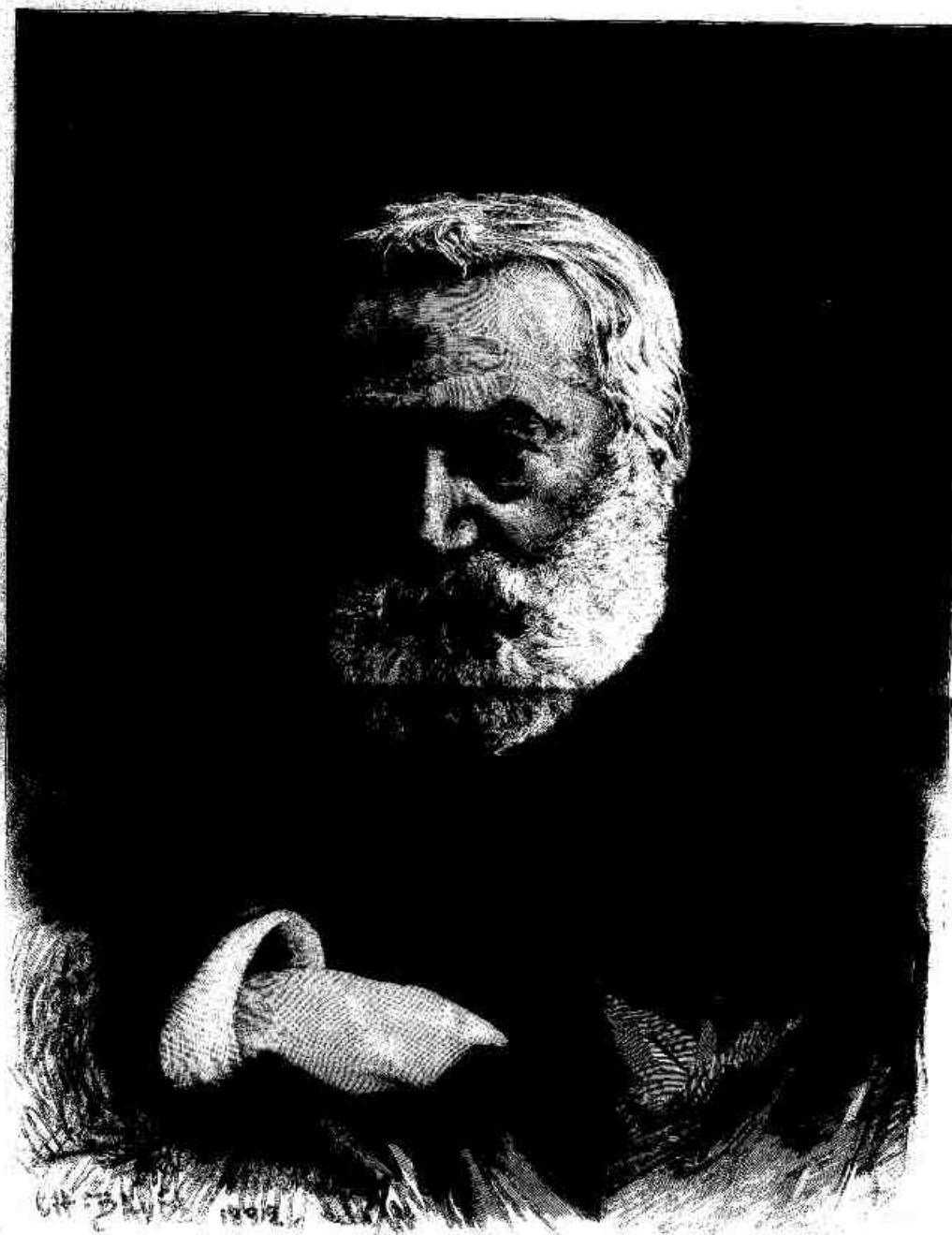
Em geral, o jornalismo indígena retrinhou-se — numa irritação de sensibilidade, — concedendo-me apenas, aqui ou ali, e de má vontade, os epithets anódicos de *vantajosamente conhecido, talentoso, laureado, distinto... Distincto!* Quando tudo é bojo no pão *impecável, enriquecido, incomparável, glorioso, divino...* (outro macaqueamento francês)... Chega a ser uma ofensa. — Esteve para mandar à Soberana Crítica os meus padrinhos (1).

E então, quanto ao preambulo, mesmo nada... *Conceituado, bem elaborado, audacioso...* foi só mais que se aventuraram. Simplesmente V. aguado no seu justo valor, não o prego insignificante, mas a honesta intenção do meu trabalho, *sem briamente a liga, todo armado d'uma nobre e generosa honestidade que lhe faz immensa honra, no passo que honra não menos o silvo das suas correções, hypotheticamente avertidas.*

Mil vêzes obrigado.

Assulta-me um desejo curioso de travar polémica, procurando defender com a maior sombra de energia e de argumentos, de que for capaz, os meus modos de ver em literatura. Reflectindo, porém, contento-me. Recuso que o temperamento me atreva. Irritabilidade excessiva dos meus nervos, torturados n'uma triste organização que não logrou desenvolver-se completamente, faz-me desamparar,

(1) Que os jornaes portugueses lhe orgulharam a tão vontade.



VICTOR HUGO

(Falecido em 22 de maio de 1885)

n'um: rápido de rascieirito, para a apostrofe, do argumento para a verinha; e eu não quero por forma alguma praticar para com V. esse negócio injustica.

despacho para com a grossa injustiça.
Desse mesmo mostram V. que não fiz o preambulo do meu livro com a reservada intenção de levantar questões, de produzir o sonhado escândalo literário que atirou em duas horas com um nome para a evidência, a Vou portanto limitar-me a explicar e a tornar mais compreensivas as minhas opiniões, no decorso da singelíssima carta, que ultimamente V. nem tenta resignar-se para lêr até ao fim,

■■■ Logo no principio da sua chronica escreve V., o proprio dos meus folhetins de anno passado no *Diário da Manhã*: «eu o estudei náu mente, creio que se não tratou d'um jovem auctor, mas d'um homem já feito»; e, mais abaixo: «o sr. Abel Acacio nas lettras não passa d'um aspirante intelligent, que surge.» Torno para mim á conta de bem remunerado elogio a combinaçâo d'essas duas phrasas. D'elles parece deprehender-se que V. me considera pouco mais que um principiante em litteratura, e, ao mesmo tempo, já rapidamente senhor d'esse estylo assento e misticó, proprio dos pulsos virilmente exercitados no oficio de escrever.

A verdade é que não sou nemhum pluviativo, de certo; nem mesmo genuinamente um joven, não, sr. Eu poderia agorá aqui, por uma preoccupation coquette (lá está V. a esfregá as mão de contentez) (1) muito querida de Garrett, dar feminilmente a mim-máis thesoureal na certidão de edade. V. ignora a freguezia certaneja do meu berço, — lá por essa Douro acima, — e não poderia assim regar o parochio respectivo que lhe desse a data do meu nascimento. Mas não vale a pena; nunca tive pretunções a enfant-prodigie (nova esfregadela de males, — eu bem vejo).

Vou dobrando o cabo dos 30 annos, meu charo,
Esses versos foram feitos dos 18 aos 27, n'um
largo período, escassamente produtivo, não sei
bem se por efeito de esterilidade ingénita, se de non-
chalance (que belo arquétipo folgazão de labios!),
meridional (2). Fiz as primeiras armas literárias
nos mesmos jardins que V., que Fidão d'Almeida,
que Jayme de Séguier, que Jayme Victor, e tantos
outros, — hoje vitoriosamente plantados, muito
em cima, na hieracim difícil do espírito. Não
obstante, fiquei-me p'ra traz, e sou apenas um as-
pirante... que surge. Consequem-se da falta de
talento e d'uma criminosa inércia intelectual, pas-
sante de 3 annos.

Mas nada disto vem para o caso, afinal.

V. chama-me religioso, caluniar por chic, para falar que falso. « Francamente é bem alto: não o sou. As minhas ideias emanaram da mais sincera e mais ardente convicção que uma alma humana possa chocar o vibrátiliano num cérebro. E mesmo essa convicção importava que me veste, numa ingénua inconsciência do seu movimento, o ar dogmático, de magister dixit, incommodo e irritante, que V. diz notar-me. Visto-o inconscientemente, creia. Não sou immodesto, sou fanático; não sou um fáustu, sou em crente.

Esta preocupação veemente de nacionalismo poderá ser uma ideo-syncretia do meu espírito; numar um artifício calculado para armar à popularidade. Mas não; não é natural disposição aberta. É simplesmente o profundamente uma impressão verdadeira, intensíssima, real. Se no preâmbulo da minha *Lyra* há um pouco de exagero *nacionalista*, V. ha-de concordar que elle fica ainda assim muito à qual do exagero *estrangeirista* da moderna escola indígena, mais em voga em literatura.

XXX Discutiremos um pouco este ponto, finicamente, — com prazer, — as quais diz V., que tu me não deu ao trabalho de apresentar. « V. é que se limitou a torcer e a esticar um pouco as minhas ideias, — com bem pouca habilidade, permiti-lhe que dissesse, — para bordar sobre elas uma chronicaria espirituosa.

Outro queijo V. aproximar-se; desembarcar-se por uns minutos d'essa iriadá tás d'arriba de sua educação e predileções literárias: queijo mesmo subtrair-se, tanto quanto possível, ao meio deslumbrante em que tem vivido ultimamente. Vamos, V., um moço entusiasmado e sincero, uma alma limíssima d'artista, d'uma impressionabilidade exquisita (olham as iras a dardejáv-lhe, dilatadas, duas fulgurações de júbilo), a qual a Demise/ si chorou algumas lagrimas (folhas de V. no Correio da Manhã), de 18, V. vice-me dar razão.

Pretenho V. instar que eu tenho odiado a moderna literatura portuguesa. Odeio?... Indignação, um tudo-malh compassado, simplesmente... Pois não seremos nós hoje intellectualmente uma colónia da França, monetariamente uma colónia da Inglaterra?... O nosso polo comercial e financeiro é Londres; o nosso polo artístico e literário é Paris. Não podemos pensar próprio, energia, character, vida militante em nenhumas das grandes manifestações típicas dos povos. Nada que dê a nossa causal etnográfica, nada que justifique a nossa ex stetica inden- dente. Verdadeiros partidas da civilização moderna, estamos dando o espetáculo desolador, — unidos na Europa, — d'um cosmopolitismo pelátria, d'uma vaidade desesperante, d'uma esterilidade absoluta de discussões, de crenças, de ideal (1).

Esta nossa anemia social é crônica; vem de longe. O incalculável espírito de Garrett combateu valentemente na sua imensa obra literária, tão locamente concebível, tão méthodicamente executada e tão adoravelmente nacional. Mas o país não o compreendeu, nem secundou. O seu esforço benéfico morreu ineficaz; e o mal tem progredido sempre, cada vez mais afogadamente pernicioso.

Garrett não tem tido continuadoras. Toda a crea-
ção assorbiu da alma saudosamente melancólica
de João de Deus — essa admirável criação, vi-
vemente mortal, — tem sido filha mais da dis-
síntese genial instintiva do poeta, do que d'um
genio preconcebido. Quanto as outras culminâncias
nossa mundo das leturas: *venem Guerra Junquei*
e *Ega de Queiroz*, — eminentemente franceses
do espírito, — orientaram lumentosamente para
o norte falso, com o prestígio de seu enorimismo
antigo, a massa geral dos cérebros (2); vemos o
após *Camilla*, *Castelo Branco* forçado a conser-
var hoje com o *calor francês*, para encontra-
res (3).

—Há de concordar que é vergonhoso tudo isto!

(ii) O Sr. Accaúz nas sua cíes, de ben, louvável, fuisse nacionabilíssima homens perdidos, — mas traz mal a P. V. C. necessidade não de fadigamento patológico da associação ro de oligarcas. — Não falemos em lodo da vida artística dum poco, e estudo da sua vida económica e financeira. Outros personagens se produziram. Tomou este exemplo a Holtzman, prosector em comum e em finanças, e que se estendeu a vida intelectual, vivendo apesar de tradições globores (como a Hispano), mandando educar a P. S. os talentos que gerou. — Se o nosso polo comunitário e financeiro (mais financeiro que administrativo) é Londres, a culpa não é do pa — é dos governos, subtra a costa da Europa, somos uma nação unida, que tem agricultura, indústria, e comércio relativamente prosperos, somos uma nação que é rica — mas que não tem credito, e como só não tem o seu inglês apensa por malandragem, ou imbecilidade, ou fraude, ou governo. Londres não é o nosso polo — é o nosso judge. — Lembrem-nos de obesidade. São P. S. nos fornecem, generosamente, as estatísticas.

O Sr. Accaúz lamentava-se de que haja a nova literatura de toda um carácter exclusivamente nacional. Mas já se falamem, uma vez, por ventura? Qual é, na nossa história, o período literário que tem tanta náusea espontânea, que seja profundamente nacional? e que mostra indústria de corrupção extrangeira?

(2) **Dr. Abd Acuña** considera que, para ver mejor las tendencias actuales, Víctor Hugo, en particular, Alain, son más apropiados, siendo en París a elevado expresión artística de la época. Interesa que hoy dominan en todo a Europa, que vienen de Alemania y de Francia, y que hoy se divide en dos grandes ramas de psicología: para la obra de Flaubert, de pura, psicología natural de la obra. Presentemente, el Dr. Abd Acuña ve un paralelo entre

(3) Aquí illu ero, e ero grava. Nancs o romanciam da Bratânia
Prixim leva da contemporânia cost o colho folhas para que secontar
Nun (do) paço outros exerçentes — Rahm
Eis (que) juntaram Chegas, Bento Moreira, Segurado, —
servidão d'elos que eram apelidados os pastores. Pego no sr. Antônio
nas cito o período em que pertinham a elas alguma d'elas, empregos
de servos. Verifique lhe no dia e cútore a prováre o que affirmo da
pertinência.

Ku não intinge, nem queço, o **immobilismo** do idiomá **palau**, ouro V, afás protesta fazer crer, Kuça-me a justiça de me não suppor tão redondamente imbecil. As linguas obedecem fatalmente à lei universal da **Kyoto**, ouro V, de me intimidar com as lumirosas citações do seu **Withey**, para eu necessitar **cessar** de **Idem** **1901** me livre de protestar que a lingua portuguesa se mantém **fige** agora, li se lhe erguem as pernas, em angulo aberto como o trevo, e uma grande expunha **feliz** **fige** n'esse brenu inançado dos colosos egípcios, — semelhantes ao **Passado**, eternamente sentados, com o dorso peggado aos muros **pyramidae**, as pernas direitas e unidas, as mãos sobre os joelhos, a palpoem n'um spasmo, vigíante! Faz-me malo justiça.

V. sabe até muito bem que eu não quero nada disso; mas serviu-lhe para a discussão fingir que o não sabia. — Olha, que isso não bonito. — No entanto em questão li vêem um período, que V. decretou, não por fôrma de lealdade, deixou de citar, em que eu digo: « As evoluções de sociedades reviram as línguas uns evoluções paralelhas, é bem verdade, mas assiduas no mesmo tempo. Colhase os extravagantes e que se elegante, novo, razoável; oportegesse, daque c'nosso, quanto for passado, frascoso, banal, ruim. Mas muita paroxismo, e sobreudo muito bom-senso, n'esta transformação. »

Para cada nova ideia importada venha o termo correspondente: d'acordo. Mas deixemos-nos do orgonismo danoso da extrangeirice. Quem importa é mesquinharia de vocabulários e frases, desnecessariamente, por ché, a outrance (couço a mula, ralante), puramente, é o que me revulsa e o que nos embrusta. Que necessidade de há de escrever-se que *plan* é uma *intelligence hors ligne*, que *futura* é na senhora *roust à fait elegante*, que *sícram* tem *silhouettes délinéées*, etc., etc., etc. ! Diga-mos V. é capaz... Ah ! liminste a collar o buço, ingatando um sorriso entre embagado e iníquico... Está em (1).

V. appella, no final da sua chronica, para a Razão da Verdade; pois sejamos razoaveis e verdadeiros, expunmos do nosso idioma as demais inuteis, pejamentas anomalias, as superfluidades humantes, que o desnaturalm. arão ressouece (d'asso vez o ressitu ao puto.)

Eu admirro imenso Esq. de Queiroz, como admirro Junqueiro, como admirro Camillo, e tantos outros, todos elles tenho adquirido muito vocabulário novo, mas dos necessários, dos lógicos, dos inadivulgáveis, supérfluos, deixo-los... e creio que não hão de ir longe. Morrerão de plenitude as extrangúlícias quando (com este galicismo sônhio agora convenci-o)

Continuemos. Dis. V. que não só Portugal, e também a Alemanha, a Inglaterra, a Espanha importam sofrumento de Paris. Importam, é certo; mas exportam para lá também. Uma brilhante mutação civilizadora — é que isso é. Recebem uma dada ordem de valores, e concedem em compensação outra ordem d'elles, que equivale exatamente à primeira. A Alemanha dá à França os panos, os seus artefactos, a sua ciencia, os estuas, a cerâmica, as bugigangas, (e n'uma proporção já bem alarmante para a França, não é verdade?) A Inglaterra fornece-lhes genetas alimentares, calçado reso, camisas d'um só lado, minérios, tresses, mil caprichos de sport, carvões. A Espanha envia-lhe vinhos ardentes, moçolos; mais ardentes ainda, um brincalhão preacionissimo, um pouco de teatro, e zarzuela. E nós, que aceitamos elles? Algumas pipas de vinho, que logo desembarque nos nossos portos perde a nacionalidade, e passa a ser Bordéus, — que só mais importamos de lá, mais caro e averiado (1).

Qua si v. Acacio n. 118a s'cole n. 2, b. col. 616Mn itali. 117
una volta fatta, e venuta a porfira di Intervalle, esce
s'vista. 1. **Intervalle**.

Huys, que esta lha tem mandado: A Inglaterra tem efectivamente mandado para França o carvão de pedra, aço, alumínio, &c. & o seu valor não é menor que o da aço. Acello no quarto provéu que isto viajaria mais que os outros de Courbet, de Millet e de Bataille-Lapage, que as muralhas de Gisors, que os versos de Victor Hugo, e que o lamenho de Flaubert e Sardou.

Percebe-se que a sciencia alemã vale bem a sciencia francesa; e se tanto amam aquella em Portugal é talvez pelo impecável da ser escrita n'uma língua menos accessible ao publico. Os ecos dos autores são mais extravagantes e isolados; mais rapido que os dos franceses; as clausas em alemão são de maior efeito para os leitores...

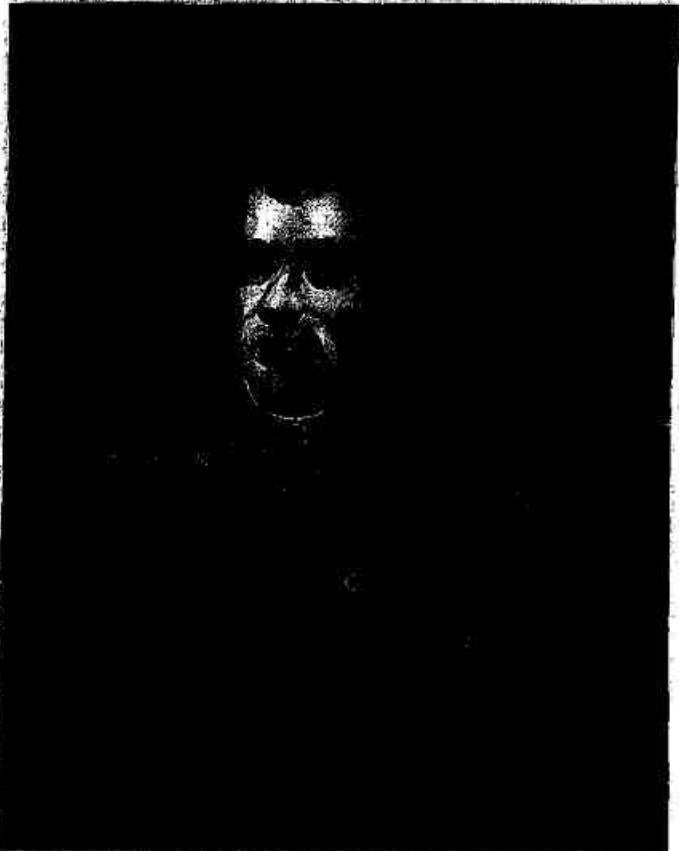
É necessário não esconder a triste verdade, meu caro sr. Em Portugal a maneira de arranjar a mala da viagem, é coisa que já rouga pelo ridículo a pés padeceria. Quando se vieram os homens alemães, os mafos das vezes à puríssima, ou por assaltos citados em livros franceses!

Pegou o sr. Acello em certos literatos que lhe citam phrasas de Goethe, de Shakespeare, de Dante, mesmo de Hugo; e perguntou-lhes à quem trouxe:

— « Em que obras se encontram essas phrasas? e — todos lhe há de responder inacreditavelmente. »

São puras ignorâncias com audácia. Quanto à concorrência da Alemanha em cristais, cerâmicas, bugigangas — é troço. As fábricas alemães só compram dentuços em Paris, ou apresentam todos os modèles franceses para os imitarem secretamente, e fornecer os seus mercados em igualdade de preço. Mas o modélo rouba-se, ou plagiar-se; e subestuda em cerâmicas e quinquilharias... O que os vemos vercede é que a maioria prima a mão d'obra na Alemanha, que é mais em conta, e portanto a Alemanha chega a concorrer em certos mercados estrangeiros com a França. Provável isto, inferioridade da França quando não em modélos franceses o que a Alemanha reproduz?...»

É erro d'ter que a Inglaterra faz eco à França gastos alimentícios. O país que aponta exportação mantendo ordinário em luxos, o carne e peixe em cozinhas de lata, nunca teria a audácia de introduzir em suas grotas, nem por causa a França, ante-



O GENERAL JOSÉ HUGO.

a confusão é um templo a fazer bonito e culto! A situação do sujeito não é comum, como compõem-se é impotente que se faz em Inglaterra d'obrigas d'arte francesas. Quanto a broches distinguidos, Eu não sei se elle exporta sempre para França. O que sei é que a França lhe exporta sempre em quantidades. A diferença é — S — representa d'uma linda e pura que só vale extremitade de solo e astúpida material; do outro o puxa que lhe d'forma, que a faz viver, transformando-a em obra-prima que maravilha o mundo. V. Ex.º será capaz d'assilar entre o pincelado e o escravo?...»

Desde o momento que a França é o país que faz de coitinho uma arte e do coitinho é um homem respeitável, escusado será dizer que a um copo de Xeres ou do Malaga, preferir um copo de Porto ou de Madeira, subretido de Pernod. E que países, esses vinhos, são considerados em França é a Hespanha, como é Paraguai.

Não me parece que seja assim um tanto bom civilizadora mandar esquadras, como manda para Lisboa, das que fazem os bálcicos de incisão e apanhada.

Miss aqui também na terra.

No barrolo de Venus o elemento hespanhol é totalmente desconhecido em Paris... pelo que eu felicito a Hespanha!

Quanto a brincar, não falamos n'isso. É coisa infantil. Não é o brincar à beira hespanhol o que Paris aprecia. É o do Norte, da Bélgica, da Holanda, da Dinamarca; são as velhas costas da Brembo e da Normandia; é o brincar à francesa; são as costas do Oriente, as costas do Japão e da China. E hoje redescoberto a China e o Japão que dominam em Paris.

Será por este facto de modos, a França inferior ao Japão em China?...

Até o sr. Acello sorri de minha ingenuidade.

Quanto à literatura, quanto a por-
tada que dava tem a França actual
excedido a Hespanha?...

E mesmo que a França fosse o
país mais pobre da Europa, que
pudesse comprar tudo à moedas
viniendas para viver, huiavam-lhe todos
os amores e movimento da sua arte
e da sua literatura, para ser o pí-
meiro país do mundo.



A CASA ONDE MORREU VICTOR HUGO, em Paris, avenida d'Eylau, aos 22 de maio de 1865.



O SALÃO DE RÉCEPTION DE VICTOR HUGO, EM PARIS

Traduzido a vulgar, quer dizer aquillo: que a França de hoje não é uma nação robustamente constituída, nem vigorosamente equilibrada; que não tem precisamente os caracteres de solides e de forças, que alardeia; que, se ainda não chegou à dynamização metaphysica do sr. Anselmo Braamcamp, anda todavia muito perto da galhardia postiça do sr. conde de Mesquitaella. Senão, veja-se. — Paris, a capital da intelligencia (solhuitim, já citado, de V. no *Correio da Manhã*), no domínio scientilico, limita-se em geral, a reflectir e comentar as descobertas que lhe vêm de fóra; no campo litterario estende-se uma literatura brilliantissima, sem dúvida, mas inferior a sua enorme hegemonia social; no domínio physiologico, as estatísticas de mortalidade accusam um aperfeiçoamento na população espantoso; na arena politica, as antigas neuroses sublimes de 89, 93, 30, 48 desacreditam-se com os furores de 71, acabam agora de se ridicularisar inapelavelmente nos motins tristemente celebres que fizeram cair o ultimo ministerio Ferry, n'essa bambochata de acclamações desvairadas, irracionalmente indistintas, a Mac-Mahon, a Rochefort, a Clémenceau, a Napoleão... (1)

Háde concordar que com um poucochinho de macroscópio rhetorico se pôde dizer que a França « de-linha a olhos vistos, exausta e macilenta sem ideias e sem vigor. »

— E eu não tenho ódio à Frunça; busta-me a irmandade de raça para lhe querer bem. Simplesmente, não me cega a sympathia. — Apesar de, ainda outro dia, um amigo meu me indigir o sacrifício de o acompanhar em larga peregrinação pelas lojas de Bália, em busca d'uma gravata .. e de lama de Paris! (2).

Dou as mãos à palmatoria, na confissão desse
apo que me faz tomar *opera-comica* por *operetta*.
A penha atraírou-me, não reproduzindo com fidelidade o pensamento. Fui impróprio e leviano, —
confesso; e, ao mesmo tempo, aplaudo-me de o
ter sido, porque formei essa V para nos deliciar
com um belo trecho de erudição lírica.

Sou o primeiro a admirar e a amar a *opera-comica*, propriamente dita; tanto quanto detesto a *opera-celta* (a que me referia), o que é a *opera-comica* derancada. A inspirada musica da *Mignon*, da *Lakmé*, da *Carmen* é propriamente a musica francesa; trazia intimamente a nitidez, a rapidez, a precisão, a graça do espirito gaules. É uma musica característica e adorável. Tendo tomado um pouco da eschola germânia, da italiana e da hispanoia, — as três escholas musicas mais poderosas, — soube depois recriar-se uma especie de meia-tinta individual, um abio eclectismo, uma originalidade mesurada, que

formam o soberbo incento d'esse glorioso editio
artístico, que vem de Monsigny a Bixet.

A *operetta* não começou mal, porque primeiro não passava d'uma *operet-comédia* em miniatura, uma espécie de redução, de escorço de trechos musicais, ólias bellas e susceptíveis de grande desenvolvimento. Gantil composições de merito, adoráveis, pequeninas, — que, apesar d'isso, Mozart chamaia *abertos dramáticos*, arrreglos de canções pouco acima do *vauville*, e que um musico regular podia compor as duas e as três no intervallo entre o almoço e o jantar.

Este gênero de música foi inaugurado no teatro das *Folies*, que depois substituiu o *Déjâjet*, la bom, la produzindo: *Femme à vendre* (Hervé), *Pantins de violettes* (A. Adam), *Docteur Tam-Tam* (Barbier), *Bruscelino* (Rossini), *Veuve Grapin* (Flotow), *Chanson de Fortunio* (Offenbach).

Depois lançou-se vertiginosamente na caricatura, no paródia, no ridículo, na *charge excentrica*, derivado estupidamente para a *opera-buffa*... e estragou a Arte.

Diz V. que o dizer-se que a *operetta* tem estrago a arte dramática, é uma banalidade. É sim sr. E porque?... — Porque está precisamente no ânimo de todos. — Uns vão para a *operetta* distrahir-se, outros aphrodisiar-se... nenhum tomar aquilo a sério. E, de mais a mais, a *operetta* tem a pretensão de ser a Arte a valer! Ainda se as limitasse a ser extremamente leve, — vi; — mas não, sr.; fazem em trez actos. Não se limita a sublinhar o ridículo; quer-se dar grandes ares... — o que é uma anomalia

Nunca poderão ser, artisticamente, mais que aberrações derrenges essas mixonofálicas grutescas de *Timbales, Angots, Mascotes, Girofés*, — em cuja envergadura truancesca não há processo, não há esthesia, não há gosto, não há ideal.

Nem para *pepinière* de futuros *maestros* serve a *experiência*, porque, se lhes dá prática, não lhes dá a verdadeira orientação (1).

Teado esplanado e justificando a ideia do meu preambulo, nessa longa massula, que V. desculpare, resta-me agradecer mais uma vez a delicada atenção de V., e confessar-lhe que espero da sua felidão a fineza da inserção d'esta carta na ILLUSTRAÇÃO.

De V.
grato collega e admirador,
ANSEL. ACACIO.

Lisboa, S. C., Rua de Gomes Freire, 78.
Aos 10 de abril de 1885.

Acta 119 de Abril de 1885.

111. «Eis-por chegados, no fim da sua carta, Verdade, verdade, é um
souvenh'or longo...» — Come abram de lér, o sr. Acacio tentava
de d'água a p'ra a franxa a paula porreia. Na sua opinião a querer é
de ho de Jar de França e de Arce. Ora a opereta é, em contra-
rio, a mais inofensiva que se consegue em França. Tem a menor
polémica, capaz aquor no tempo de Henr'v, quando uns apelaram a um
abolido a lhegra combinação da opera-comica, e do wunderliche Venedig
abolido, desvanecido, trocado, no tempo do suposto apogeo da
musica de Offenbach! E' positivamente a expressão da banalidade da lucidez
a qual prezava Napoleão III. E o que h'je a opereta? A musica
sacada e sacagada, sem excessos de caricatura e de petras muias, que
nunca serve para distinguer agradavelmente a inofensiva da ofensiva.
Ultimamente oprimem-se da opera-comica o ultimamente tem
sido por duas razões de cantores, que hoje sao ap'pazidados na
p'ra-Comique ou seguem brilhantemente os carreiros do Conservatorio.
E, tecendo se encravado com o sr. Acacio, on mafinando com o
mesm'lo que é mui velho de que se su. Mas com todo o caso sempre fica
o susprido que em s'ntido mui mais profundo, mui mais sério, sempre esteve
no que se prezava em França, e sem observar nenh'or estatuto
social, namor, liguer, e mais exato do que se faz pelas outras palavras
a frigo no bono caminho de Kasino e de Justica. E' possivel, e' um
reto apeludido, nos avanços de conveances no irreconciliável, que
fazem a apreza de pedo a seu desleire, que Borfin apreza, que Doflal as-
socia cozinhar — e' rai valendo a desculpa d'este que é que tem a
prem'ha gloria e a sua extraordinaria forca.

M. P.

Chamarlos a atenção das nossas leituras para o « *Conheça o publicado no Figaro de 30 de abril e relatório a produtos que nos temos indicado por diferentes vias»; « Peçam-nos um regimento infalível contra os polvos masculinos nos quais a primavera dá uma força era. Há apenas um que nos lembra que as nossas leituras e que pode ser empregado com todo o efeito: « *Pasta Epilatélio* » Dizer que, em nenhumas acto límica destrói a propria raiz das desgraças que nos (Encontra-se em casa do inventor), 1, rue Jean-Quatre-Rousses, Paris, e em todas as principais per-*

SCIENCIAS

BRONZE OESTRAN. — M. Weerts prepara-o com cobre, estanho, nickel, antimonio e chumbo. Este producto é mais malleável do que o bronze ordinário.

As maiores pontes suspensas. — O *Gene civi* cita treze grandes pontes suspensas existindo actualmente na Europa e nos Estados Unidos. Eis a lista com a indicação do comprimento e da data da sua construção:

NAME DAS PONTES	Comprimento em metros	Altura de domínio em
Ponte sobre a Tweed, Inglaterra	337	1820
Menai, país de Gales	174	1896
Nashville, Tennessee	169	1823
Larache-Betuard, França	168	1815
Pest, Hungria	203	1850
Charing Cross, Londres	206	1845
Griffood, Inglaterra	214	1864
Antiga ponte do Niagara	248	1848
Friburgo, Suíça	258	1834
Wheling, sobre o Ohio	308	1834
Cincinnati, sobre o Ohio	322	1896
Nova ponte do Niagara	381	1868-69
New-York a Broo Rlyn	488	1871-83

NOVA MACHINA PARA MOER. — M. Villeroy deita a matéria que quer dividir, em uma bacia circular inclinada animada de um movimento de rotação. Uma bola pesada tritura a matéria que não pode escapar-se do reservatório, e o seu próprio peso favorece a rotação do apparelho.

A KINETITE. — Uma nova matéria explosiva, chamada *Kinetite* (um composto de nitro-cellulose e de um corpo gordo), foi estudado pelo doutor Stahlschmidt, professor da escola polytechnica de Aix-la-Chapelle. É muito menos perigoso a manejá-la que a maior parte dos seus congêneres; faz explosão sob um choque violento, mas sómente na região comprimida, enquanto que o resto não arde mas espalha-se para os lados. A kinetite arde tranquillamente sem explosão e com uma luz muito viva. Obtem-se uma explosão violenta aquecendo-a em um tubo fechado. Uma mistura de fulminato de mercurio e de kinetite na qual se provoca a explosão do fulminato, deixa a kinetite indiferente. Uma massa compacta de kinetite na qual se conservará uma cavidade ficou perfeitamente intacta depois que o fulminato de mercurio lançado n'esta cavidade fez explosão.

A fabricação d'este producto vai ser organisada na Alemanha e na Inglaterra.

Novo antiséptico. — M. Collin, chimico, pediu privilégio para um novo antiséptico cujas propriedades são muito superiores, segundo elle afirma, às dos corpos análogos conhecidos e empregados até aqui. Deu-lhe o nome commercial de triphegol Collin, e prepara-o misturando dois volumes de ácido phenico com um volume de ácido sulfúrico de Nordhausen e um outro volume de álcool puro. O producto puro obtido é o ácido orthoxphenylsulfuroso no estado líquido.

CONFERNÉCIAS DA « ROYAL INSTITUTION », — Entre as conferéncias anunciamos como devendo ser usadas já começadas mesmo na Royal Institution, devem notar uma série de cinco conferéncias sobre as Forças e as Energias naturais, pelo professor Tyndall, o sabio entusiasta cuja fama como professor de experimentador está hoje a cima de qualquer outra. No dia 15 de maio, o professor Tyndall promoverá uma conferéncia sobre a Eletricidade, no dia 22, as de resultados presentes que se ha obtido em eletricar.

